



13.11.2005

A pílula anticoncepcional

Estamos a caminho de Olho D'Água do Piauí, cidadezinha como tantas outras no Nordeste, com quase três mil habitantes. Casas com paredes de barro e telhado de palha, muitas crianças pela rua. Um único centro médico, com poucos recursos.

“Eu gostava muito de festa, de aniversários de amigos, de banho de piscina em algum clube”, conta Marciane Lima, de 19 anos.

Em casa, Marciane se arruma para ir até a cidade vizinha. Tem 19 anos, dois filhos de pais diferentes e vai sozinha fazer uma ultra-sonografia para descobrir porque a menstruação está atrasada há mais de um mês.

“O acesso aos métodos anticoncepcionais é fácil?”, pergunta o doutor Drauzio Varella.

“Esse ano de 2005, de janeiro a setembro, nós tivemos uma única remessa entregue pelo Ministério da Saúde”, responde Dira Santos, Secretária de Saúde de Olho D'Água do Piauí.

Drauzio: E a pílula anticoncepcional?

Dira Santos: Sempre falta.

Drauzio: E os anticoncepcionais injetáveis?

Dira Santos: Não temos.

Drauzio: Nem adesivo também?

Dira Santos: Também não.

Drauzio: Esse ano, de janeiro a outubro, quantas cartelas de pílulas vocês receberam?

Dira Santos: Em média 150 cartelas.

Drauzio: 150?

Dira Santos: Foi o que nós recebemos.

Drauzio: Cada mulher consome doze cartelas por ano. 150 cartelas, vocês têm anticoncepcional para catorze mulheres.

Dira Santos: Anualmente é, se for fazer essa somatória.

Drauzio: Uma cidade de três mil habitantes, 14 mulheres recebem os anticoncepcionais. E as outras...

Dira Santos: Mais ou menos isso. Ou compram ou engravidam.

De acordo com dados do SUS, em Olho D'Água do Piauí, 35% das crianças nasceram de mães com idade entre dez e 19 anos.

Fechar os olhos, calar diante do drama dos adolescentes que engravidam e empobrecem ainda mais suas famílias é uma perversidade social da qual todos nós, por omissão, participamos. Os anticoncepcionais devem estar disponíveis nos postos de saúde. É um direito de todo homem e de toda mulher.

Fernando Pereja Sampaio de Oliveira, 17 anos. Érika Fedosseefs Auler, 18 anos. Bem longe de Olho D'Água, num bairro de mansões em Brasília, Érika namora Fernando. Se conheceram há uns três anos e logo depois começaram uma relação intensa.

Drauzio: Foi paixão a primeira vista?

Érika: Acho que foi.

Drauzio: E vocês começaram a sair e começaram a ter intimidade sexual rapidamente?

Érika: Aconteceu um pouco rápido. Com três meses a gente já tava bem grudado. Eu mudei de escola, fui pra escola que ele estuda e a gente ficou unha e carne. Aí aconteceu. Foi rápido.

No início do namoro, nenhum deles tinha experiência sexual.

Drauzio: Que idade você tinha?

Érika: 16 anos.

Drauzio: E você, Fernando?

Fernando: Eu tinha 15.

Drauzio: E quando você começou a sentir que ia acabar acontecendo, você teve preocupação de não engravidar?

Érika: Tive.

Érika falou com a mãe e foi ao ginecologista saber qual era o anticoncepcional mais adequado.

Érika: Aí a minha médica falou pra mim que não tinha problema nenhum. Ela até falou: 'é bom vocês se preservarem'. E no dia que aconteceu ele se preocupou, ele pegou o preservativo e tomou bastante cuidado.

Drauzio: E como evoluiu essa questão do anticoncepcional? Vocês continuaram usando preservativo pra sempre?

Érika: Não. Quando a gente viu que estava ficando mais sério, que tava uma coisa mais afetiva, que era um namoro mais maduro, aí eu procurei a minha mãe de novo. Ela me levou de novo na ginecologista e aí ela me passou um anticoncepcional injetável.

As injeções mensais foram bem durante algum tempo. Mas ela não se adaptou.

Érika: Retinha muito líquido. Eu comecei a engordar e falei não, não dá, tô me cuidando, mas tô engordando. Aí fui de novo na médica e ela me recomendou a pílula e deve ter já um ano que eu tô tomando a pílula.

A pílula é um comprimidinho que contém estrógeno e progesterona, os dois hormônios sexuais. Lá dentro do cérebro tem uma estrutura chamada hipotálamo que manda uma mensagem para uma glândula que fica dentro da cabeça também, chamada hipófise. E a hipófise manda uma ordem chamada fsh, que é um hormônio, que vai fazer o ovário produzir estrógeno e depois manda uma outra ordem chamada lh que faz o ovário produzir progesterona.

A pílula tem estrógeno e progesterona. Quando a gente toma a pílula pela boca, ela cai na circulação, aumenta a concentração de estrógeno e de progesterona no sangue. Isso faz o que? Inibe a produção desse fsh e do lh e a mulher então não produz o óvulo. Não produzindo o óvulo não pode engravidar.

As cartelas distribuídas nos postos de saúde têm 21 pílulas. A primeira deve ser tomada no primeiro dia do ciclo, isto é, no dia em que veio a menstruação. Tomar uma por dia até a cartela terminar. Acabou? Para sete dias. Sete dias de descanso e começa a cartela seguinte.

Drauzio: Você não esquece de tomar?

Érika: Não. Ele também me ajuda muito. Eu tomo à noite, ele me liga e me lembra.

O melhor horário para tomar a pílula é no café da manhã. Porque se você esquecer, tem o dia inteiro pra corrigir o erro. Lembrou, tome, à tarde ou à noite. Na manhã seguinte, volte ao horário normal. Caso você esqueça de tomar dois dias seguidos, continue normalmente no café da manhã, a cartela vai durar dois dias mais. Mas tem um detalhe importante. Esses dois dias que você parou comprometem a eficácia da pílula. Nesse caso, a partir do dia que você reiniciou a tomar, você precisa usar camisinha durante sete dias, pois só a partir daí você estará protegida.

Mas se você, cabeça de vento, esqueceu três, quatro, cinco dias, é melhor abandonar essa cartela e começar outra. Mas nos sete primeiros dias da nova cartela, você deve usar preservativo obrigatoriamente.

Marciane: Eu conheci um rapaz, namorei com ele e tudo.

Drauzio: E você recebeu algum tipo de orientação pra não engravidar, alguma orientação sexual?

Marciane: Naquele tempo eu ainda não podia tomar o remédio porque o pessoal falava toda vez que ia consultar que era muito nova pra tomar.

A pílula distribuída pelo Ministério da Saúde tem uma dosagem baixa de hormônios e pode ser usada por adolescentes sem nenhum problema.

Drauzio: Que idade você tinha nessa época?

Marciane: Uns 15 anos. Eu não tinha ficado ainda com alguma pessoa. Eu tinha ficado com ele a primeira vez, depois, daí foi que eu engravidei da Amanda.

Érika: Eu tenho uma amiga que ela tem 17 anos, a filha dela tem um ano e cinco meses. Ela tinha tudo, estudava e teve que parar.

Érica Verneck (16 anos): Eu acho que casar só depois de 27 anos. Aproveitar os vinte anos bem, aí depois de casar ficar um tempo, depois de muito tempo ter filho. Agora, de jeito nenhum.

Jaqueline de Moraes (15 anos): Eu faço canto lírico, faço violino, tô me preparando pro meu futuro, pros meus sonhos. Ter um filho eu não vou poder, não vai ser da mesma forma.

Marciane nunca pensou nisso. Os filhos simplesmente vieram, aconteceram, numa lógica que aprendeu com a mãe.

“Eu tive meus cinco filhos, já sofri muito por eles, até hoje tô sofrendo, não só pelos filhos, agora pelos netos também”, diz Maria das Dores, mãe de Marciane.

Estejamos de acordo ou não, a verdade é que muitas meninas começam cedo a ter relações sexuais. A diferença é que adolescentes como Érika conseguem separar a vida sexual da vida reprodutiva, enquanto as mais pobres têm um filho atrás do outro.

“Na verdade, nós temos dois grupos que precisam ser pensados com políticas públicas bastante dirigidas. A população onde a fecundidade já é muito baixa, no futuro próximo vai ter um problema de reposição populacional e a população mais pobre, com muitos filhos, precisa ter políticas para melhor acesso à contracepção. Nós temos esses dois mundos pra tomar conta, na verdade esse é o problema sério”, explica Suzana Cavenaghi, demógrafa do IBGE.

Na próxima semana, vamos mostrar o calvário a que são submetidas as mulheres que procuram um direito garantido por lei: a laqueadura de trompas. Não perca!

Você pode obter informações estatísticas sobre sobre maternidade entre 15 a 19 anos e de outros locais visitados em cada episódio da série através do link abaixo.

Maternidade na adolescência Confira as estatísticas sobre as jovens mães do Brasil

Encontre essa reportagem em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1071691-5008,00.html>